

OS FENÔMENOS DA PEREGRINAÇÃO E DO TURISMO EM SANTUÁRIOS E EVENTOS CATÓLICOS: UMA ANÁLISE SOBRE O CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM-PA

THE PILGRIMAGE AND TOURISM PHENOMENA IN SANCTUARIES AND CATHOLIC EVENTS: AN ANALYSIS ABOUT THE CÍRIO DE NAZARÉ IN BELÉM-PA

Débora Rodrigues Oliveira Serra¹

Maria Goretti da Costa Tavares²

¹Graduação em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará. debserra1980@hotmail.com

²Doutora em Geografia. Professora da Faculdade de Geografia e Cartografia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará. mariagg29@gmail.com

Recebido em 09.01.2015

Aprovado em 01.09.2015

RESUMO

O presente artigo aborda o Círio de Nazaré em Belém – PA buscando sua relação com as práticas turísticas e de peregrinação que ocorrem nessa festividade, considerada uma das maiores manifestações católicas do mundo. A metodologia utilizada constituiu-se de levantamento bibliográfico acerca dos segmentos do turismo religioso e cultural, dos perfis de visitantes e das transformações ocorridas em alguns santuários e eventos católicos decorrentes da atividade turística, bem como de observações empíricas e entrevistas com agentes relacionados a esse complexo de eventos. O estudo pretende apresentar o Círio de Nazaré no contexto do turismo cultural e religioso revelando alguns efeitos dessa atividade em relação às alterações espaciais temporárias e permanentes, que atendem, sobretudo, a interesses de agentes religiosos, públicos e de mercado.

PALAVRAS-CHAVE: Círio de Nazaré, Turismo Religioso, Santuários e Eventos Católicos.

ABSTRACT

This article approaches the Cirio de Nazare in Belem-PA seeking relationship between tourism practices and pilgrimages occurring this festivity, considered one of the greatest catholic manifestations of the world. The methodology used consisted of literature about religious and cultural tourism segments, profiles of visitors and changes occurring in some sanctuaries and Catholic events arising from tourist activity, as well as empirical observations and interviews with agents related to this complex events. The study aims to present the Cirio de Nazare in cultural and religious tourism context showing this activity's effects relative to temporary and permanent spatial changes, which serve mainly to interests of religious, public and market agents.

PALAVRAS-CHAVE: Cirio de Nazare, Religious Tourism, Sanctuary and Catholic Events.

1. INTRODUÇÃO

Considerada uma das maiores manifestações católicas do mundo, o Círio de Nazaré, em Belém do Pará, é realizado há mais de duzentos anos, e ao longo desse período é possível observar transformações que lhe conferiram, além do caráter religioso, o cultural em sentido mais amplo, tornando-se, também, um dos maiores atrativos turísticos paraenses.

Dessa forma, o presente artigo visa abordar o Círio de Nazaré em Belém como um complexo de eventos, que tem se expandido em extensão e número de participantes, recebendo visitantes com perfis característicos de turistas e peregrinos, e, portanto, sofrendo transformações ocasionadas pela atividade turística.

Para isso, além de levantamento bibliográfico, foram necessárias observações empíricas e entrevistas com agentes relacionados à festividade, aos segmentos do turismo religioso e cultural, aos perfis de visitantes e às implicações da atividade turística em alguns santuários e eventos católicos.

Assim, este artigo aborda inicialmente o Círio de Nazaré em Belém, da sua origem à sua importância como atrativo turístico paraense. Em seguida, trata de considerações teóricas relativas aos fenômenos da peregrinação e do turismo religioso e cultural e aos perfis de visitantes. Finalmente, são abordados os efeitos do turismo em santuários e eventos católicos, enfatizando-se a referida festividade.

2. O CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM-PA: AS ORIGENS E A EXPANSÃO DE UM COMPLEXO DE EVENTOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO PARAENSE

Por sua origem portuguesa, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré disseminou-se por suas colônias, dentre elas, o Brasil, onde há relatos de que os primeiros cultos foram realizados no município de Saquarema, no Rio de Janeiro, no século XVII. Entretanto, tal devoção se destaca no Estado do Pará, tanto por também ter se iniciado no século XVII, em Vigia, quanto pela quantidade de festas em sua homenagem, os chamados “Círios de Nazaré”, em diversos municípios paraenses.

Em Belém, essa festividade adquiriu maior expressão nacional e internacional. É realizada desde 1793 (IPHAN, 2006) e tornou-se uma das maiores manifestações católicas do mundo por reunir milhões de pessoas na principal procissão. Quanto às estatísticas, diversos meios de comunicação

afirmam que seriam mais de dois milhões de participantes na procissão principal, porém, para Pantoja (2006), as estimativas divulgadas apresentam incoerências, por serem calculadas por instituições que fazem parte da organização do evento e pela falta de regularidade na sua realização.

Em 2013, o Círio de Nazaré foi incluído na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO. Todavia, tal inclusão tornou-se possível a partir do seu registro como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, realizado em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, após extenso estudo sobre a complexidade da festividade, o qual culminou na elaboração do Dossiê IPHAN I (2006), no qual são elencados os elementos da festividade considerados essenciais, seja por sua sacralização, simbolismo, antiguidade ou notável afluência popular.

O quadro abaixo, elaborado por Castro e Serra (2011) com base em IPHAN (2006), ilustra a grandiosidade e complexidade do Círio.

Elementos representativos do Círio de Nazaré

ELEMENTOS ESSENCIAIS	Procissão Principal, Imagens (original e peregrina), Trasladação, Berlinda, Corda, Recírio, Arraial, Almoço do Círio, Alegorias, Brinquedos de Miriti.
DEMAIS ELEMENTOS	Missa do Mandato, Visitas da Santa aos Fiéis, Traslado para Ananindeua e Marituba, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto e a Ciclo Romaria, Descida e Subida da Imagem, Romarias da Juventude e das Crianças, Procissão da Festa, Auto do Círio, Arrastão do Boi Pavulagem, Festa da Chiquita.

Fonte: Castro e Serra, 2011.

Ressalta-se que os elementos classificados como "demais elementos" podem tornar-se "essenciais" na perspectiva do IPHAN no decorrer dos anos. Conforme Henrique (2011), essa nova classificação poderá ocorrer em uma nova pesquisa a ser realizada pelo referido órgão após dez anos do registro, conforme estabelecido na legislação.

Iniciando a festividade nazarena tem-se a Missa do Mandato, no mês de agosto, onde diversas imagens são abençoadas para realizarem, em setembro, as visitas às casas dos fiéis. No mês de

outubro se concentra a maior parte das manifestações, em geral, com a presença da imagem peregrina, visto que a imagem original fica constantemente na Basílica Santuário de Nazaré.

A imagem original participava das procissões até 1969, quando foi criada a imagem peregrina, por motivos de segurança, diferenciando-se da primeira por apresentar traços mais comuns às mulheres amazônicas.

A procissão principal (Figura 1) é realizada no segundo domingo de outubro, mas ela é antecedida por diversos eventos ocorridos desde a sexta-feira, como o Traslado que leva a imagem da Basílica Santuário de Nazaré para os municípios de Marituba e Ananindeua, e o Auto do Círio, cortejo cultural que retrata o sagrado e o profano da festividade.

Figura 1: Procissão Principal



Foto: Eliseu Dias/GEPA¹

¹ Disponível em: <<http://fotospublicas.com/imagens-aereas-procissao-cirio-senhora-nazare-belem/>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

A maior parte dos eventos ocorre no sábado, iniciando-se com a Romaria Rodoviária, que parte da Igreja Matriz de Ananindeua e leva a imagem até o distrito de Icoaraci, onde se realiza uma missa, dando início à Romaria Fluvial que leva a imagem de volta para a sede de Belém.

Chegando à Escadinha do Porto, próximo à Estação das Docas, bairro da Campina, iniciam-se dois eventos concomitantes: o Arrastão do Boi Pavulagem, de caráter profano, mais conhecido como Arrastão do Círio, e a Moto Romaria, com aspecto e motivação mais religiosos.

O arrastão do Círio segue para a Praça do Carmo passando pelo Mercado do Ver-o-Peso. A Moto Romaria conduz a imagem até o Colégio Gentil Bittencourt, no bairro de Nazaré, de onde ela segue no fim da tarde para a Igreja da Sé, na Trasladação, a qual, após passar pela Praça da República, dá início à Festa da Chiquita, que é marcada principalmente pela presença de homossexuais e simpatizantes que se divertem ao som de músicas de vários estilos. Lá se realizam também premiações como a “Rainha do Círio” e o “Veado de Ouro”. Essa manifestação não é tolerada pela Diretoria da Festa e pelas autoridades da Igreja. No mesmo dia ocorre na Basílica de Nazaré a cerimônia da Descida da Imagem, em que a imagem original é retirada do espaço reservado para ela no altar mor e fica mais próxima dos fiéis (CASTRO e SERRA, 2011).

No domingo ocorre a principal procissão, chamada de Círio, levando a imagem da Sé, no bairro da Cidade Velha, à Basílica, em Nazaré, tendo como importantes elementos, assim como na Trasladação, a berlinda, a corda, as alegorias e os brinquedos de miriti.

O miriti é também chamado de buriti em outros estados e, sobretudo no município de Abaetetuba, próximo a Belém, utiliza-se o caule para a produção de brinquedos, os quais são vendidos em diversos espaços da festividade, destacando-se pelo seu colorido.

Após a procissão principal, ao seguirem para casa, os fiéis tradicionalmente se reúnem em família para o almoço do Círio. Porém, ao contrário da maioria das festas de santos, a referida procissão não finaliza a festividade, que se estende por quinze dias, nos quais são realizadas a Ciclo Romaria, as romarias das Crianças e da Juventude, a Subida da Imagem e a Procissão da Festa. Quinze dias após a procissão principal, ocorre a última procissão, o Recírio, que conduz a imagem peregrina da Basílica

de volta para o Colégio Gentil Bittencourt, onde ficará até o ano seguinte (CASTRO & SERRA, 2011).

Tratando-se da dimensão espacial do evento, nota-se que as primeiras procissões - a Trasladação e a Procissão Principal do Círio - tinham como percurso o caminho que ligava a ermida da santa, onde atualmente encontra-se a Basílica Santuário de Nazaré, e o Palácio dos Governadores, atual Museu do Estado do Pará. Com o fechamento da capela do referido palácio, o início da procissão principal foi realizado na Igreja de Santo Alexandre, em 1891, alterando-se em seguida para a Igreja da Sé.

Assim, duas romarias compunham o Círio de Nazaré inicialmente, porém, a partir da década de 1980, houve a expansão das manifestações em relação à sua quantidade e à ocupação de diversos espaços, inclusive ultrapassando-se a sede, em Belém.

Conforme Pantoja (2006), a partir de entrevistas com pessoas direta ou indiretamente ligadas à Diretoria da Festa, o aumento acentuado no número de procissões deve-se a motivos diversos, tais como a demanda dos devotos, a exemplo da Ciclo Romaria e da Romaria das Crianças; ou à criação de um novo atrativo turístico para a cidade, no caso da Romaria Fluvial.

Criada em 1986 pela Companhia Paraense de Turismo – PARATUR, na época, único órgão de turismo na esfera estadual, a Romaria Fluvial foi criada pelo historiador Carlos Rocque, então presidente do referido órgão, com a finalidade turística, conforme afirma Bonna (1993).

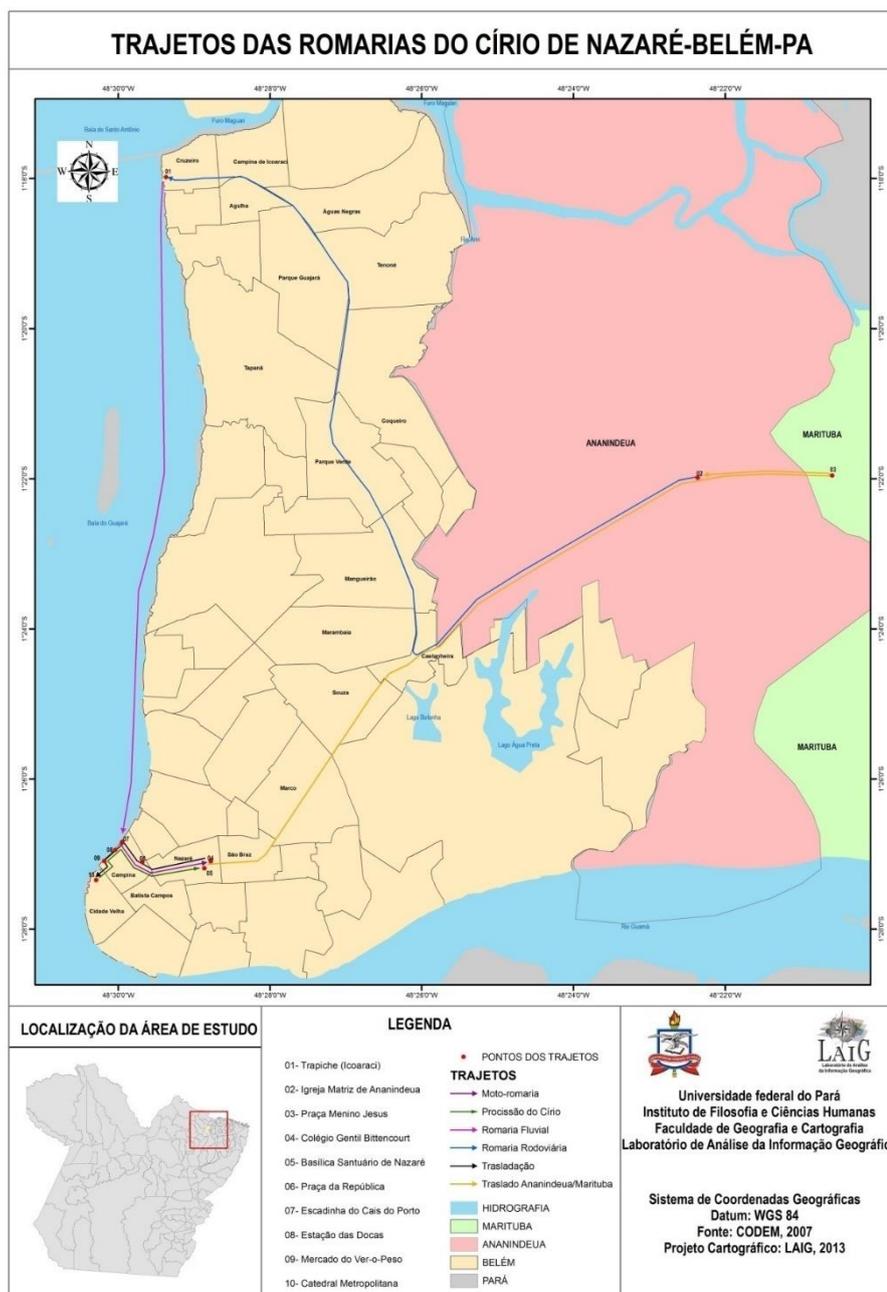
Apesar de o evento fazer parte da programação oficial do Círio e de muitos moradores de Belém e das ilhas próximas participarem com suas embarcações tanto por motivos religiosos quanto profanos, a PARATUR participa divulgando e oportunizando às agências de turismo a inclusão de um importante atrativo em seus pacotes turísticos ligados ao Círio. Ressalta-se que a participação do referido órgão está relacionada à promoção do Concurso de Decoração de Embarcações, desde as primeiras edições da Romaria Fluvial.

Tal evento está também relacionado à expansão territorial do Círio, considerando-se que ele foi o primeiro a ser realizado fora da sede de Belém e que o percurso até o distrito de Icoaraci (onde ele se inicia) possibilitou a criação da Romaria Rodoviária, em 1989, e do Traslado para os municípios de

Ananindeua e Marituba, em 1992 e 2002, respectivamente.

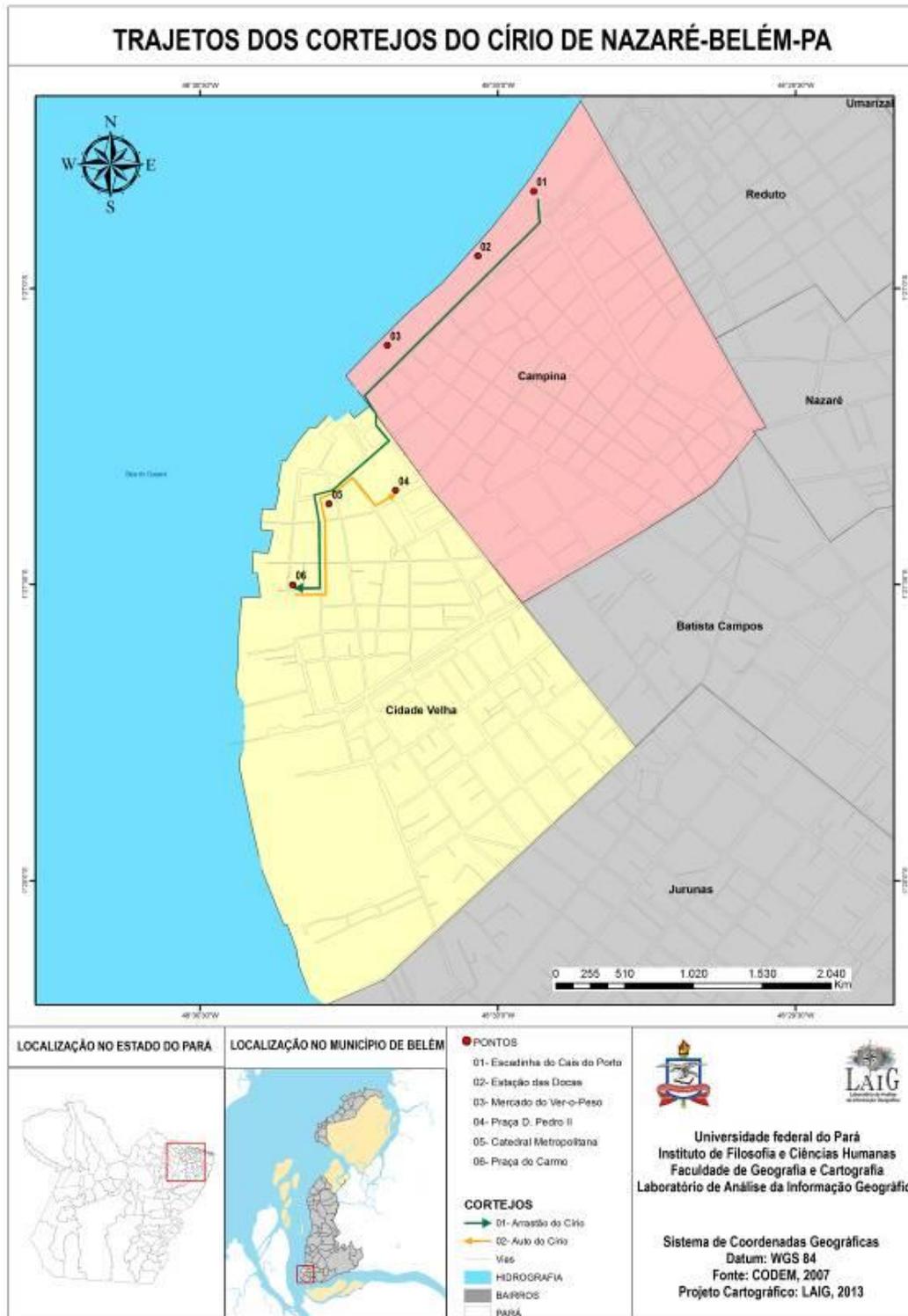
A dimensão espacial das manifestações realizadas no segundo final de semana de outubro, quando ocorre a maioria delas, pode ser observada nos mapas das Figuras 1 e 2, nos quais se apresentam os percursos de eventos religiosos (romarias) e profanos (cortejos) realizados nesse período.

Figura 1: Trajeto das Romarias do Círio de Nazaré



Fonte: LAIG/UFPA - Organizado por Débora Serra (2013)

Figura 2: Trajeto dos Cortejos do Círio de Nazaré



Fonte: LAIG/UFPA - Organizado por Débora Serra (2013).

Observa-se que parte dos espaços apropriados pelos organizadores do Círio durante a sua realização é considerada atrativo turístico. No distrito de Icoaraci, pertencente ao município de Belém, destaca-se o Trapiche, onde se realiza uma missa para em seguida se iniciar a Romaria Fluvial. É localizado na Orla, espaço estruturado com calçadão, bares, restaurantes e quiosques para a venda de artesanato, principalmente a cerâmica marajoara e tapajônica.

Na sede do município de Belém, os eventos concentram-se em três bairros, nos quais os espaços apropriados são considerados turísticos tanto pela sua relação com as festividades do Círio de Nazaré, como principalmente por sua importância na formação histórica e sócio-espacial da cidade. Tem-se, dessa forma, a Basílica de Nazaré e o Colégio Gentil Bittencourt no bairro de Nazaré; as Praças do Carmo e D. Pedro II e a Igreja da Sé, na Cidade Velha, e, finalmente, a Praça da República e a Escadinha do Cais do Porto (onde se finaliza a Romaria Fluvial), localizados no bairro da Campina. Ainda no referido bairro, destaca-se o Complexo do Ver-o-Peso como parte do percurso de algumas romarias e cortejos.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré está presente em diversos municípios paraenses e em outros Estados brasileiros. Devido à influência de paraenses que emigraram, e às peregrinações da imagem de Belém, podemos encontrar também Círios de Nazaré realizados no Maranhão, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo (COSTA *et al*, s/d).

Desde sua origem, em 1793, o Círio de Nazaré em Belém é um evento ligado a aspectos religiosos, políticos e econômicos. Apesar da devoção à santa ter se iniciado por volta do ano de 1700, a primeira procissão registrada ocorreu quase cem anos mais tarde, após autorização de Portugal. Foi convocada pelo governador Francisco Coutinho, que realizou durante a festa uma feira de produtos regionais, para a qual foram convidados os habitantes do interior da então província (IPHAN, 2006). Tais fatos demonstram a tentativa da Igreja e do Estado de controlarem a devoção popular.

Essa relação com o poder público modificou-se com a posse dos republicanos, que transformaram oficialmente o Brasil em um Estado laico. Entretanto, os governos estadual e municipal continuaram a se envolver nesse evento, de forma que, atualmente, a sua contribuição é considerada pela Diretoria da Festa – grupo responsável pelo conjunto de eventos mais associados aos aspectos sagrados dessa

festividade - não apenas como uma forma de parceria: Prefeitura e Governo do Estado são entendidos como “entidades realizadoras” (PANTOJA, 2006, p.65).

O caráter religioso do Círio relaciona-se, em grande parte, à organização realizada pela Diretoria da Festa. Entretanto, nota-se a tentativa da Igreja de exercer o controle também sobre as festas profanas (PANTOJA, 2006). Além disso, destaca-se o caráter popular dessa festividade, na qual os fiéis nem sempre se subordinam ao poder da Igreja e, dessa forma, tal instituição e os demais agentes devem considerá-los no planejamento e organização desse evento.

Observa-se ainda a dinamização econômica no período correspondente à realização do evento, inclusive pelo aumento do número de pessoas que visitam a cidade e pelo uso da “marca” Círio de Nazaré por empresas, com o objetivo de aumentar a venda de seus produtos e serviços (PANTOJA, 2006).

Dentre diversos dados quantitativos referentes à economia no Círio de Nazaré, destaca-se o estudo de Costa *et al* (s/d) por ser considerado o mais completo, embora necessite de atualização, uma vez que retrata o período entre os anos 2000 e 2005. Ele considera como componentes os impactos econômicos causados pelo consumo dos visitantes, pelo aumento do consumo dos moradores (devido à festividade ser considerada o “Natal dos paraenses”, para o qual se compram, por exemplo, novas roupas, móveis e os ingredientes para o Almoço do Círio) e pelos gastos diretos com a produção dos eventos, e conclui que:

Os gastos diretos dos visitantes e da produção dos eventos e os dispêndios adicionais dos belenenses e seus efeitos indiretos produzem uma variação de R\$ 2,1 bilhões em Renda/Receita Bruta Total, gerando R\$ 190,2 milhões de Valor Adicionado (R\$ 166,0 milhões de salários, para 295,1 mil ocupações, e R\$ 24,2 milhões em lucros) e R\$ 6,5 milhões em tributos (R\$ 5,2 ICMS e R\$ 1,3 ISS).

Os orçamentos do Círio nos anos de 2011 e 2012 incluem diversos itens e demonstram que os custos com os donativos para as instituições como creches e seminários, bem como com a evangelização – por meio de imagens, livros de peregrinação, viagens de pregadores e os shows católicos - somam mais de cinquenta por cento do total das despesas (FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO, 2012).

Os recursos para garantir o valor orçado são obtidos entre os governos estadual e municipal e empresários, principalmente os apoiadores e patrocinadores oficiais. Costa *et al* (s/d) afirmam que a cooperação dos governos por meio de donativos para a realização do evento correspondem a menos de dez por cento da arrecadação fiscal gerada por ele. E apesar dessa constatação, não há políticas públicas voltadas para o Círio, o que se reflete na oscilação do valor dos donativos conforme “[...] o humor e o oportunismo dos governantes” (p.103). Ressalta-se no mesmo estudo que o apoio do poder público ocorre também com a disponibilização de agentes como policiais, bombeiros, etc. para trabalharem no controle das manifestações.

Entretanto, como apontado por Costa *et al* (s/d), a dinamização econômica ocorrida pela realização do Círio deve-se principalmente ao aumento do número de visitantes na cidade de Belém, provenientes tanto do Pará, como de outros Estados e países. Seus gastos movimentam direta e indiretamente diversos setores, tais como o comércio de lembranças e outros produtos; alimentação em bares, restaurantes e residências; serviços de transportes e de hospedagem.

Conforme a tabela abaixo, de acordo com estudos da PARATUR, SETUR e DIEESE, o número de turistas que visitam Belém durante o Círio aumenta a cada ano.

Estimativas da participação e gastos de turistas no Círio de Nazaré em Belém (2004 - 2013)

Ano	Número de turistas	Gasto presumido
2004	Cerca de 40 mil	U\$ 8,3 milhões
2012	Cerca de 76 mil	U\$ 28 milhões
2013	Cerca de 77,9 mil	U\$ 28,95 milhões

Fonte: PARÁ, 2013b. Organizada pelas autoras.

Para Costa *et al* (s/d, p.):

Os visitantes de fora do Pará constituem minoria no total de visitantes de Belém, porém sua participação cresceu substancialmente nos últimos anos (...). Igualmente, tem crescido nos últimos anos a participação dos que se hospedam na rede hoteleira.

Destaca-se que em relação aos visitantes provenientes do interior do Estado, os referidos autores afirmam que a pesquisa da PARATUR sobre o perfil dos turistas no Círio em 2003 (realizada no

aeroporto, rodoviária, BR-316 e Galpão 10 da Companhia Docas do Pará) permite satisfatoriamente obter dados sobre os visitantes que utilizam os modais aéreo e rodoviário, o que não se aplica ao hidroviário.

Belém, com sua característica de cidade ribeirinha, possui muitos portos e trapiches, e a referida pesquisa ocorreu em apenas um deles, desconsiderando-se aqueles que são mais utilizados pelos moradores de municípios próximos, tais como os do Baixo Tocantins, das Ilhas e da microrregião do Salgado paraense, ocasionando, assim, o entendimento equivocado de que não havia a participação de tais visitantes no Círio.

Em relação às estimativas crescentes quanto ao número de turistas paraenses ou de outros Estados, entende-se que elas importam, sobretudo, a agentes da Igreja e do poder público, e a empresários ligados direta ou indiretamente à atividade turística. Tais agentes se relacionam entre si, tendo como objetivo comum a continuidade da manifestação, visto que ela atende a interesses religiosos, políticos e econômicos.

Todavia, conforme Fratucci (2008), tratando-se de processos de turistificação do espaço, é necessária a inclusão dos turistas e das comunidades das áreas receptoras entre seus agentes e, nesse sentido, considera-se importante observar os interesses e motivações dos visitantes, os quais poderão contribuir para a identificação dos segmentos do turismo por eles praticados, bem como de seus perfis. Tal identificação possibilita ao poder público e à iniciativa privada investir na implementação e/ou promoção de ações, de modo a atrair os perfis de visitantes que melhor atendam aos seus interesses, bem como às expectativas da maior parte da população local.

3. DE PEREGRINOS A TURISTAS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-EMPÍRICAS PARA A ANÁLISE DO TURISMO RELIGIOSO E CULTURAL

Conforme explicitado, o Círio de Nazaré em Belém atrai milhares de visitantes. Suas motivações podem ou não ser apenas religiosas, considerando-se a importância histórica e cultural dessa festividade, refletindo-se na ocorrência de fenômenos como a peregrinação e o turismo. Tais fenômenos têm sido discutidos por diversos estudiosos, visto que eles apresentam semelhanças e

diferenças entre si quanto à motivação para o deslocamento e ao comportamento nos destinos atrativos por sua sacralidade.

Steil (2003), abordando as raízes etimológicas das categorias peregrinação e turismo religioso, afirma que:

Enquanto as peregrinações e romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento seja considerado como turístico (STEIL, 2003, p. 35).

Santos (2006) apresenta semelhanças entre a peregrinação e o turismo religioso, indicando que ambos ocorrem por motivações religiosas, dividem espaços tidos como sagrados e utilizam geralmente da mesma infraestrutura e dos serviços nos destinos.

As diferenças indicadas pela autora verificam-se pelas suas essências, visto que a peregrinação em si é uma prática religiosa, enquanto o turismo religioso apenas inclui atividades religiosas; pela intensidade da motivação religiosa, que seria maior na peregrinação; pelas atitudes e comportamentos dos peregrinos e dos turistas nos destinos, e, finalmente, pelas suas consequências espaciais nos lugares de destino, pois, em relação aos peregrinos, os turistas apresentam maior exigência no que se refere à qualidade no acolhimento.

A distinção se faz também quanto ao deslocamento e à organização da viagem: na peregrinação, o deslocamento faz parte da prática religiosa, enquanto para o turista religioso, seria apenas um meio para se chegar aos lugares marcados pela espiritualidade; em geral, as peregrinações são organizadas individualmente ou por pequenos grupos (familiares, amigos, paróquias) e as visitas dos turistas religiosos por agências de viagens ou organismos religiosos especializados, situando-se numa lógica comercial empresarial. O consumismo é também apontado, o qual seria mais característico entre os turistas religiosos, refletindo-se mais nos impactos econômicos do que a peregrinação (SANTOS, 2006).

Em geral, quando se trata de peregrinação, associa-se um caráter de sacrifício, diferenciando-se do turismo, o qual, em geral, se relaciona ao lazer. Porém, Santos (2006) observa que sempre existiu uma mistura entre sagrado e profano nas peregrinações, no que se refere às “suas finalidades, nas

motivações, nos interesses e nas atividades que, na sua complexidade e riqueza, a tornam uma realidade profundamente humana” (p. 263).

Tal concepção é também discutida por Amirou (1995), que contesta os tipos ideais em que se relaciona peregrinação à seriedade e turismo à frivolidade. Na comparação entre os dois fenômenos, ele afirma que “ambos são atravessados por uma lógica ambivalente, ilustrada por um vai-e-vem permanente entre o sagrado e o profano, o sério e o frívolo, o autêntico e o superficial”. (p. 96, tradução nossa).

A auto-avaliação que os visitantes de espaços sagrados fazem de si é também observada por Santos (2006), visto que, quando a finalidade religiosa se sobrepõe às demais, a maioria deles prefere ser considerada peregrina.

Assim, concordando com a referida autora, os dois fenômenos não são completamente opostos e, portanto, a distinção entre eles se daria principalmente pela intensidade da motivação religiosa.

Buscando incluir as principais características do que se pode considerar como turismo religioso, Santos (2006) o define como:

(...) toda e qualquer deslocação (voluntária, temporária e não remunerada) religiosamente motivada, combinada com motivações de outro tipo, que tem por destino um lugar religioso (de âmbito local, regional, nacional e internacional), mas que não é em si uma prática religiosa (p. 293).

Ainda de acordo com Santos (2006), o turismo religioso é um fenômeno recente, originando-se “das mesmas circunstâncias sociais e econômicas que conduziram, em geral, ao turismo de massa” (p. 240). Ela aponta para a escassez de estudos geográficos acerca desse segmento e de sua dimensão espacial, afirmando que, em sua maioria, as investigações realizadas estão ligadas à geografia da religião, mais voltadas às peregrinações, a exemplo de Rosendahl (2002), sendo raras as pesquisas no âmbito da geografia do turismo.

Rosendahl trata das peregrinações católicas e traz exemplos de alguns centros onde o aspecto turístico pode ser associado ao religioso. Para ela, contudo, as peregrinações no Brasil guardam, “na quase unanimidade dos casos, uma característica evidentemente religiosa, assumindo o sentido de sacrifício” (2002, p. 4).

Conforme Serra (2014), embora haja a necessidade de dados estatísticos, entrevistas realizadas com visitantes nos Círios de 2012 e 2013 permitem afirmar que são diversas as suas motivações, sendo, portanto, comum a presença de peregrinos e turistas religiosos, além dos chamados turistas culturais, conforme Figuras 4 e 5:

Figura 4: Motivações dos visitantes no Círio de Nazaré 2012



Fonte: Serra, 2014.

Figura 5: Motivação dos visitantes do Círio de Nazaré 2013

	RELIGIOSA	NÃO RELIGIOSA	RELIGIOSA/NÃO RELIGIOSA
CASA DE PLÁCIDO	20%	00	80%
HOTÉIS	17%	17%	66%
CASAS (PARENTES/AMIGOS)	25%	00	75%

Fonte: Serra, 2014.

Para Santos (2006), o turismo cultural é uma modalidade “(...) que, designadamente pela busca de autenticidade que pressupõe e pela natureza religiosa de muitos lugares visitados, mais se aproxima das deslocamentos religiosamente motivadas”. (p. 256). E afirma que a dificuldade para se distinguir

as motivações dos visitantes, que podem ir além das religiosas e culturais, torna-se maior quando se trata da realização das tradicionais festas religiosas que, em geral, incluem programações profanas. A atratividade de tais festividades geraria o que se pode designar turismo em tempo religioso, o que se exemplifica em nosso objeto de estudo, o Círio de Nazaré, considerando-se inclusive a importância de se fazerem pesquisas que demonstrem em que medida o interesse principal dos visitantes tem um caráter mais voltado à espiritualidade.

Com o objetivo de desenvolver produtos para o mercado, o Ministério do Turismo elenca diversos segmentos, dentre eles o turismo cultural, o qual “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2010, p. 15). Tal segmento é subdividido em tipos: cívico, religioso, místico e esotérico, étnico, cinematográfico, arqueológico, gastronômico, enoturismo e ferroviário.

Para o referido Ministério, o turismo religioso decorre “da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas, independentemente da origem étnica ou do credo”. (BRASIL, 2010, p. 19). Ele considera apenas como turismo cultural a experiência realizada por turistas que viajam para eventos ou espaços religiosos tendo como motivação o interesse cultural ou a apreciação estética, ou seja, sem a busca pela prática religiosa.

Todavia, tão complexo quanto a conceituação de cultura e religião é a busca por definições para o turismo relacionado a esses termos, o que permite afirmar que a proposta do Ministério do Turismo possivelmente atende às necessidades para uma visão mercadológica, porém são passíveis de críticas, dentre as quais a redução da religião a um elemento da cultura comparável ao cinema, à gastronomia, ao patrimônio arqueológico, dentre outros, na subdivisão do segmento do turismo cultural em tipos.

Embora não seja objetivo do presente estudo aprofundar essa discussão, a relação entre religião e cultura é debatida por pesquisadores, dado que a religião influencia e é influenciada pela cultura, determinando comportamentos e propondo normas (OLIVEIRA, s/d).

Em relação à definição para o segmento do turismo cultural, considerando também a motivação principal para o deslocamento como critério na segmentação da atividade turística, Barreto (2000)

utiliza o termo “turismo com base no legado cultural” para identificá-lo como “aquele que tem como principal atrativo o patrimônio cultural” (p. 29), entendido aqui tanto em relação aos seus aspectos materiais, como imateriais. Portanto, considera-se que o praticante deste segmento pode também ser atraído ao destino, em menor medida, por outras razões.

As discussões sobre o turismo cultural, inclusive pela ciência geográfica, versam principalmente sobre o chamado patrimônio material, especialmente no que se refere às transformações em centros históricos para o atendimento de necessidades mercadológicas, buscando-se sua valorização estética e desconsiderando-se suas funções originais e a sua identificação com a parcela da população que o vivencia (PAES-LUCHIARI, 2005).

Entretanto, apesar dos possíveis efeitos negativos da atividade turística, Barreto (2000, p. 32) questiona se existe:

[...] alguma manifestação humana atualmente que não se transforme, de alguma maneira, num bem de consumo e sua transformação num bem de consumo não é preferível ao lento, mas inexorável, processo de destruição dos bens, ora diante da especulação imobiliária, ora em virtude da ‘modernização’ imposta pela indústria cultural e pela globalização da economia [...] (BARRETO, 2000, p. 32).

Retomando a discussão sobre a proximidade entre o turismo religioso e o cultural, Santos (2006) explica ainda que, como as religiões geralmente são responsáveis por grande parte da herança arquitetônica e artística criada pela humanidade, é comum a prática do turismo cultural em espaços religiosos, motivado pela intenção intelectual de se compreender o fenômeno religioso ou ainda pela busca pelo prazer estético.

Nesse sentido, a autora aponta as consequências da patrimonialização de bens religiosos e expressões rituais afirmando que:

Por um lado, edifícios e outras estruturas religiosas são objeto de um processo de patrimonialização que, se tem a vantagem de facilitar a sua recuperação e preservação, acarreta muitas vezes [...] o esvaziamento da função religiosa que os gerou ou até o seu desapossamento do grupo religioso para o qual era referência. Por outro lado, certas expressões rituais, particularmente as mais pitorescas, ou mesmo as já decadentes ou caídas no esquecimento, são por

vezes recuperadas do ponto de vista turístico, apenas perdurando enquanto atividades de cunho predominantemente folclórico (SANTOS, 2006, p. 259).

Almeida (2011, *online*), em estudo geográfico sobre o turismo em festas rurais, afirma que “o patrimônio cultural convive com a concepção de contemporaneidade e seu uso e desfrute atual está muito vinculado ao turismo”. Para ela, além das necessidades mercadológicas, a própria sociedade, por meio de suas práticas sociais, define o valor dos bens culturais. Ressalta-se esta observação para reforçar que a população local é também um agente de turistificação do patrimônio, visto que ao valorizar um determinado bem patrimonializado, ela desperta ainda mais o interesse dos visitantes em conhecê-lo.

No caso do Círio de Nazaré em Belém, a sua valorização como bem cultural pela maioria dos moradores se evidencia pelos preparativos para a festividade, a exemplo das fachadas das casas e prédios (públicos e particulares) decorados com elementos alusivos à devoção, além do interior de muitos imóveis que são reformados, preparando-se para receberem amigos e familiares, parte deles vindos de outras cidades, estados ou países.

Entretanto, como será abordado a seguir, as alterações observadas no espaço para a realização da festividade vão além das intervenções arquitetônicas, interferindo no cotidiano da população local, a exemplo do trânsito na cidade, visto que tanto as ruas que compõem os trajetos das romarias e cortejos, como as que ficam próximas (paralelas e transversais) têm seu tráfego de veículos proibido durante horas.

4. IMPLICAÇÕES DOS FENÔMENOS DA PEREGRINAÇÃO E DO EM SANTUÁRIOS E EVENTOS CATÓLICOS

Os diversos segmentos da atividade turística provocam alterações espaciais nos destinos, muitas delas questionáveis devido principalmente ao modo como interferem na rotina da população local.

Entre tais alterações, apontam-se nesse estudo mais especificamente as observadas em centros de peregrinações e realizações de festas religiosas católicas. Santos (2006) considera que a cidade de Fátima, em Portugal, por ser uma cidade-santuário e uma cidade de peregrinação, é também um centro de acolhimento de turistas, o que a caracteriza como um “espaço turístico” (p. 407). Nessa condição,

a atividade turística se destaca das demais nos processos de ordenamento territorial. A referida autora faz um levantamento dos instrumentos de planejamento urbanístico da cidade, bem como da evolução do aglomerado urbano da Cova da Iria, em função das necessidades que surgiram devido ao intensivo aumento do número de visitantes, além do crescimento da população residente. Tais alterações objetivaram, entre outros, facilitar o acesso aos lugares sagrados, ordenar os espaços de comercialização de produtos religiosos e *souvenirs*, além de ampliar a oferta hoteleira.

Quanto aos santuários brasileiros, destaca-se o estudo de Oliveira (2004) sobre a cidade paulista de Aparecida e a sua Basílica Nacional. O autor exemplifica algumas intervenções urbanas na cidade, principalmente na grande oferta hoteleira, e no santuário, que, para receber milhões de visitantes anualmente, possui museu, mirante, um imenso salão de ex-votos, lojas, livrarias, confessionários, ampla área de passeio e estacionamento, e um shopping com praça de alimentação. O autor deixa claro que a falta de participação de profissionais não religiosos no planejamento turístico da cidade a tornou “um atrativo tão caótico quanto qualquer grande cidade brasileira” (p. 47).

Em relação à devoção nazarena em Belém, a principal diferença, em comparação com diversos santuários católicos, está no fato de seu caráter sagrado se destacar especificamente durante a realização do Círio. Nesse sentido, Costa *et al* (s/d, p.19) afirmam que:

Há uma diferença importante entre eventos como o Círio, que resulta da sagração do lugar por um tempo determinado (a criação e recriação de um espaço-tempo), e lugares permanentemente sagrados, como Fátima, em Portugal, ou Juazeiro do Norte e Aparecida do Norte, no Brasil. Fora da “quadra nazarena” se perde a áurea sagrada do espaço, em Belém do Círio. Em Aparecida [santuário] da padroeira do Brasil, por seu turno, os espaços são sagrados, independentes da temporalidade: o porto, o Santuário Maior, o Santuário Menor e outras atrações não precisam de tempos sagrados para receber os visitantes. Assim como não tem tempo o poder dos lugares onde o Padre Cícero Romão Batista fez seus milagres. Nesses casos, o espaço possui independente do tempo, a capacidade de ligar os fiéis às divindades.

A atratividade turística em relação ao culto a Nossa Senhora de Nazaré em Belém, conforme Figueiredo (2005), perpassa tanto pela sua importância religiosa, quanto pelo seu caráter profano, dado que esse complexo de eventos é considerado como parte da identidade cultural não apenas dos belenenses, como dos paraenses. Ele afirma que:

Nesse período, a cultura paraense manifesta-se em todos os bairros de Belém, na maioria das casas, quer pela culinária, quer pela música, artes, etc. São realizados muitos eventos em função do Círio, como feiras de artesanato, manifestações da cultura popular (bois, carimbós, etc.), exposições de arte, festas, festivais, entre outros (p. 26 e 27).

Limitando-se aos elementos profanos selecionados pelo IPHAN, conforme Quadro 1, pode-se exemplificar a diversidade das manifestações culturais com a realização dos cortejos do Auto e do Arrastão do Círio; da presença dos brinquedos de miriti (ou buriti); bem como no “almoço do Círio”, realizado logo após a procissão principal, cujos principais pratos são considerados típicos paraenses, especialmente a maniçoba e o pato no tucupi ou suas variações como o frango e o peru.

Apesar de não incluso nos elementos selecionados pelo IPHAN, as festas populares, mais especificamente as atualmente chamadas festas de aparelhagem, que são realizadas durante o ano, destacam-se no período do Círio. Costa (2006), afirma que o circuito bregueiro:

(...) se conecta aos grandes eventos, assumindo um papel de complementação dos festejos. A festa de brega permanece como uma opção importante de lazer para os romeiros e fiéis do Círio. A atividade empresarial e a frequência do circuito durante estes festejos não é interrompida. Ao contrário: ela é enriquecida pelo espírito festivo que toma conta da cidade e, ao mesmo tempo, adapta-se a ele (p. 84).

O autor utiliza a categoria circuito, proposta por Magnani (1996, 2002) para se referir ao “exercício de uma prática cultural ou a oferta de um serviço qualquer, demarcados por estabelecimentos, equipamentos e espaços sem relação de contigüidade entre si e reconhecidos em conjunto pelos seus usuários regulares” (Costa, 2003, on-line). Assim, o circuito bregueiro em Belém apresenta elementos espalhados por diversos bairros, principalmente os de periferia, envolvendo as aparelhagens (empresas de sonorização), as casas de festa e o público apreciador, além de estúdios de gravação, produtoras de CDs, artistas e rádios.

Em relação às alterações espaciais, observa-se que elas atendem a interesses de agentes como a Igreja (buscando também maior controle da festividade), o Estado, e empresários, especialmente os patrocinadores e apoiadores, visando a uma maior atratividade turística a partir de apropriações com características permanentes ou temporárias.

As alterações permanentes têm entre seus objetivos atrair visitantes para além do período da festividade e ocorreram no entorno do santuário, a partir da década de 1980, quando, de acordo com Matos (2010), cidades como Aparecida em São Paulo, entre outras, também se estruturaram para fortalecer o turismo religioso.

A autora informa que em 1982 houve a transferência do arraial, realizado desde o primeiro Círio na área em frente à atual Basílica Santuário, para uma área lateral, pertencente à Igreja. Em seu lugar foi construído o Centro Arquitetônico de Nazaré – CAN com recursos da União. A praça pública, atualmente chamada Praça Santuário, onde ocorria o arraial, tornou-se um prolongamento da basílica e é controlada pela Diretoria da Festa. Nessa intervenção destruíram-se equipamentos urbanísticos que estavam relacionados às práticas profanas, em um processo de “higienização”, ficando aquele espaço destinado a shows musicais (atualmente católicos) e à exposição da imagem peregrina durante a festividade.

Ela se refere também à demolição dos bares do arraial em 2010, à inauguração de uma loja de *souvenirs* religiosos em área anexa à Basílica (onde anteriormente funcionava um restaurante) e à transformação dos arcos temporários na Avenida Nazaré em estruturas fixas, demarcando o território do santuário.

Aponta-se ainda a criação do Museu do Círio, em 1986, pelo governo do Estado, no subsolo da Basílica Santuário. Em 2002, ele foi transferido para o bairro da Cidade Velha, sendo instalado no complexo Feliz Lusitânia, o qual, conforme Castro (2012), se tratou de uma das ações do referido governo que visava, além da preservação do patrimônio, “a dinamização de novas atividades econômicas e de lazer, que contribuem para o desenvolvimento de atividades turísticas no bairro”(p. 70). O atual acervo do museu inclui elementos sagrados e profanos relacionados ao Círio.

Em 2012 a Diretoria da Festa criou no entorno da Basílica Santuário o espaço Memória de Nazaré. Diferenciando-se do Museu do Círio, esse empreendimento retrata apenas os aspectos sagrados da festividade com a exposição de mantos, cordas, ex-votos, cartazes, etc. Para atrair turistas religiosos para além do período do Círio, essa ação foi considerada necessária por permitir que se tenham próximos objetos inter-relacionados: a basílica, o memorial, a loja de *souvenirs* e a Praça Santuário.

Dentre as alterações espaciais temporárias, destaca-se a instalação de arquibancadas para que turistas e população local possam assistir a passagem da imagem, tal como um espetáculo (FIGUEIREDO, 2005). A montagem era realizada até o ano de 2012 pela Prefeitura de Belém, por meio da Coordenadoria Municipal de Turismo. Em 2013, a montagem e venda de tais arquibancadas ficaram sob a responsabilidade da Diretoria da Festa. Os turistas também têm a possibilidade de assistir as procissões em arquibancadas preparadas pelos hotéis localizados no percurso do Círio.

A realização de feiras para a venda de brinquedos de miriti durante o Círio também se inclui entre as alterações (e apropriações espaciais) temporárias. Conforme Matos (2010), no início elas eram realizadas improvisadamente em espaços diversos, passando a receber o apoio da prefeitura de Belém a partir de 1997 e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE a partir de 2006. Nesse momento, os produtos passaram a ter maior visibilidade, ocupando-se espaços como a Praça Waldemar Henrique e a Estação das Docas, que podem ser considerados como parte dos percursos das principais romarias e cortejos.

Ressalta-se, entretanto, que o modo como o SEBRAE tem apoiado os artesãos na realização da feira, a qual não se limita aos artefatos de miriti, tem causado descontentamento em parte dos produtores. Eles têm realizado uma feira paralela (considerada por eles como a verdadeira feira do miriti), realizada na Praça Dom Pedro II.

Dessa forma, os aspectos religiosos, políticos, culturais (em sentido amplo) e a popularidade do Círio se entrelaçam, permitindo-se inferir que os diversos agentes promotores da festividade têm se articulado historicamente, embora a relação entre eles seja conflituosa em determinados momentos.

Matos (2010) aponta a parceria entre as entidades religiosas, os agentes de mercado e da cultura, no desenvolvimento do turismo religioso a partir de eventos como a Expocatólica. Criada em 2003, tem espaço para a compra e venda de produtos e serviços e para debates referentes ao mercado voltado para o catolicismo.

A espetacularização das manifestações religiosas faz parte das inovações da Igreja apontadas pela autora, o que, para Henrique (2011), tratando do Círio de Nazaré, torna-se um paradoxo, visto que a referida instituição busca conter “os ‘excessos’ ou ‘desvios’ nas práticas religiosas dos católicos

paraenses” (p. 340), mas insere a festividade em uma lógica de mercado, necessitando ampliar sempre os números relacionados à devoção, tais como o de participantes das procissões.

O referido autor afirma que:

Muitas vezes o Círio é apresentado ou veiculado na grande mídia a partir do exotismo associado aos homens da Amazônia, em que as imagens das múltiplas embarcações na procissão fluvial, devotos carregando ‘ex-votos’ não menos exóticos à cabeça, o empurra-empurra na corda, tornaram-se atrativos para incrementar determinados setores da economia local via turismo religioso (p. 340).

Tal observação relaciona-se à abordagem feita por Coelho (1998) sobre o segmento tradicionalmente mais desenvolvido na Amazônia, o ecoturismo, cujo discurso está vinculado à visão da natureza dessa região como exótica e selvagem, desconsiderando-se as sociedades que nela habitam.

Assim, embora o Círio de Nazaré como um evento urbano e componente da oferta turística cultural-religiosa de Belém se diferencie dos atrativos relacionados ao ecoturismo, o modo como ele tem sido divulgado o aproximaria desse segmento. Porém, independentemente dos elementos utilizados na sua divulgação, essa festividade atrai milhares de visitantes, muitos deles pela fé católica.

Finalmente, é necessário esclarecer que as alterações advindas da atividade turística em espaços religiosos, tanto em santuários, como nas festividades, são geralmente realizadas ou apoiadas pela própria Igreja, que busca ampliar o número de fiéis a partir de tais ações, embora não se possa desconsiderar a atuação de outros agentes, como o Estado, o *trade* turístico, a comunidade receptora e os próprios turistas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os círios, termo comum na região amazônica para referir-se tanto a procissões como mais amplamente às festividades de santos, são realizados em diversos municípios, destacando-se o Estado do Pará, onde sua capital, Belém, reverencia a Nossa Senhora de Nazaré desde o início do século XVIII.

Observa-se que, desde a primeira procissão do Círio de Nazaré em Belém, em 1793, o evento está relacionado com aspectos religiosos, econômicos e políticos, destacando-se de modo crescente a sua atratividade turística, que tem sido desenvolvida com a parceria de agentes de mercado, do poder público, culturais e da Igreja, os quais atuam na espetacularização da festividade.

Para fomentar o aumento no fluxo turístico nessa festividade, agentes da Igreja Católica, do Estado e da iniciativa privada, seguindo o exemplo de alguns santuários e eventos católicos brasileiros e estrangeiros, têm provocado alterações espaciais que possibilitam a maior satisfação dos visitantes, embora nem sempre sejam considerados os interesses da população local.

No planejamento da atividade turística, observa-se a necessidade de se analisar as características e expectativas dos diversos agentes envolvidos buscando-se, assim, promovê-la de modo mais satisfatório à maior parte dos grupos sociais direta ou indiretamente envolvidos.

Ressalta-se a aproximação dos segmentos do turismo religioso e do cultural, havendo ainda a peregrinação, com características relacionadas mais estritamente à busca pelo sagrado. Apesar da falta de dados estatísticos nesse sentido, observa-se, no Círio de Nazaré, a presença de diversos perfis de visitantes, considerando-se suas principais motivações. Tais segmentos turísticos, notados em Belém durante a festividade, tornam-se um diferencial em relação ao que tradicionalmente tem sido desenvolvido na região amazônica, o ecoturismo, embora o caráter do exótico nas ações de divulgação os assemelhe.

O levantamento de dados estatísticos mais aprofundados sobre a atividade turística decorrente da realização do Círio de Nazaré, tanto em relação à quantidade de turistas, quanto à procedência e suas reais motivações, poderá auxiliar os diversos agentes promotores dessa festividade a torná-lo mais atrativo sem, contudo, espetacularizá-lo de forma a perder suas características originais ligadas à fé católica e à cultura paraense.

Faz-se necessário, ainda, ampliar os estudos sobre o turismo religioso, entre outros segmentos da atividade turística, considerando-se que ele é responsável por movimentar milhões de turistas, gerando variadas alterações espaciais e consequências positivas e negativas para diversos territórios.

Referências

- ALMEIDA, M. G. Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes. In: **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. Vol X, nº 919, 2011. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>. Acesso em: 25 de jan. 2013.
- AMIROU, R. *Imaginaire touristique et sociabilités du Voyage*. Paris: PUF, 1995.
- BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus. 2000.
- BONNA, M. **Dois Séculos de Fé**. Belém: Sejud, 1993.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- CASTRO, C. A. T.; SERRA, D. R. O. Gastronomia Amazônica e Turismo na Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará - Brasil. In: Coimbra. **Livro de Resumos do Congresso Internacional Turismo, Lazer e Cultura**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011. v. 01. p. 17-17.
- CASTRO, C. A. T. **Patrimonialização, turistificação e perspectivas do turismo cultural urbano com base local, no bairro Cidade Velha, em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2012.
- COELHO, M. C. N. Natureza e discurso ecoturístico na Amazônia. In: **Revista Território** n. 5: 67-84, 1998.
- COSTA, F. de A. *et al.* **O Círio de Nazaré: economia e fé**. Relatório Final. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA e Instituto de Economia/UFRJ. Belém, s/d. Disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/cirio.pdf>. Acesso em 09 dez. 2012
- COSTA, A. M. D. Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. **Revista Tomo**, n. 06, 2003. Disponível em: <http://www.bregapop.com/servicos/historia/328-antonio-mauricio-dias-da-costa/4942-festa-na-cidade-o-circuito-bregueiro-de-belem-do-para-antonio-mauricio-dias-da-costa> . Acesso em: 10 mar. 2013.
- _____. A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Revista Campos**, v. 7, n. 2, 2006.
- FIGUEIREDO, S. L. Círio de Nazaré: festa e paixão. In: FIGUEIREDO, S. L. (ORG.). **Círio de Nazaré: festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.
- FRATUCCI, A. C. **A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. Tese (Doutorado em Geografia). Niterói: UFF, 2008.
- FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO. **Especial Círio 2012 - Economia: mais investimentos para Evangelização**. Belém, 10 out. 2012. Disponível em: <http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCanal=1&id=2892&class e=N>. Acesso em: 05 jan. 2013.

HENRIQUE, M. C. Do ponto de vista do pesquisador: o processo de registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural brasileiro. **Amazonica** - Revista de Antropologia, Belém, v. 3, n. 2, p. 324-346, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/771/1048>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN, Ministério da Cultura. Círio de Nazaré – **Dossiê – Volume I**, Belém, 2006.

MATOS, L. da S. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC, 2010.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Ed. Aleph, 2004.

OLIVEIRA, J. L. M. **Análises antropológicas do fenômeno religioso**. s/d. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/AnalisesAntropologicasdoFenomenoReligios.pdf>>. Acesso em: 08 out.. 2012.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. Centros históricos: mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano. **GEOgraphia**, Revista de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, n. 15, Rio de Janeiro, 2005.

PANTOJA, V. **Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

PARÁ. **Estudos da Paratur e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos – DIEESE**. Belém. 2010, 2012, 2013.

ROSENDAHL, Z. Geografia da Religião: uma proposição temática. **GEOUSP, Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 11, p. 9-19, 2002.

SANTOS, M da G. **Espiritualidade, turismo e território**. São João do Estoril: Principia. 2006.

SERRA, D. R. O. O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2014.

STEIL, C. A. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso, Raízes Etimológicas e Interpretações Antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003.